Rev. 94 F H
M.
Compra
21. AGO. 1997

1912

Janeiro 20

N.º 1 (reimpressão)

Volume 1.º

A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

POR

MANOEL DE SOUSA PINTO

BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL

50 Réis

LIVRARIA FERIN, EDITORA
Baptista, Torres & Ct.ª
70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA

os 13 numeros = e os
o Nº 1 é repetido.

A MASCARA

Do auctor:

A Unica Verdade *(drama)*. Moura Marques edit. Coimbra 1904.

O Monumento a Eça de Queiroz *(critica)*. Moura Marques edit. Coimbra 1904.

Terra Moça — IMPRESSÕES BRASILEIRAS. Lello & Irmão edit. Porto 1910.

A' hora do correio — PHANTASIA E CHRONICA. Garnier Irmão edit. Paris 1911.

Feminario. H. Garnier edit. Paris 1911.

Dom João de Castro *(1500-1548)*. Na collecção GRANDES VULTOS PORTUGUÊSES. Livraria Ferin. Baptista, Torres & Ct.ª edit. Lisboa 1912.

MANOEL DE SOUSA PINTO

A MASCARA

ARTE — VIDA — THEATRO

LIVRARIA FERIN, Editora
Baptista, Torres & Ct.ª

70, Rua Nova do Almada, 74
LISBOA
1912

Contentar a todos ninguem o alcançou, muitos se contentaram com aprazer a muitos. O Author tomará por grande honra satisfazer a poucos.

ANTONIO FERREIRA — *Comedia de Bristo.*

N.º 1

A MASCARA

Arte — Vida — Theatro

Lisboa 20 de Janeiro de 1912

I — Phœbe, fave! Os bons dias, propositos e razões d'A Mascara. Sobe o panno.

BOM dia!

Do vasio profundo das suas orbitas, feitas para limpidamente transparecerem a belleza dos alheios olhos, **A Mascara** vos sauda com a cava resonancia da sua bocca hiante e repercutidora.

Ei-la aqui está!

E irá estando, emquanto para ella, por graça luminosa do todo resplandecente Apollo, forem decorrendo propicias as calendas que medeiam entre o arrefecer animador do outomno e o dardejar do estio dispersante.

Com Tibullo na *Elegia V*, **A Mascara** dirá, pois, ao ver a primeira luz: *Phœbe, fave!* Que o Sol do rifão, nascendo para todos, se não esqueça de luzir tambem para ella, generoso!

Muito bom dia!

*

Recemnada, ainda de collo e balbuciante, **A Mascara** permitte-se, no emtanto, como quasi todas as coisas que a este mundo, em boa ou em má hora, vêm, a vaga vaidade de ter um passado, um pequeno, breve, curto, passado pouco celebre de creança: um *passadinho*, como diminutamente poderia dizer algum diminuitivo poeta da novel e imberbe geração.

A' semelhança de uma metempsychista sua amiga, que muito sinceramente persuadida está de ter sido, em passados e desavergonhados tempos, Thais, Messalina e Theodora, com todas as carnaes responsabilidades inherentes a tão notabilisadas personagens, **A Mascara** já teve, a bem dizer, e pelo menos, duas encarnações anteriores, que lhe não desapraz recordar.

Não que, jámais, em algum remoto dia do Egypto remoto, ella, vista do alto do Serapeum, tivesse parecido esse «grão de arroz, causador, entre os homens, de luctas, desesperos, odios e crimes, capazes de atulharem o Tartaro», na phrase de Anatole France sobre a sua tão suggestiva convertida de Paphnucio. Nem, como a franzina jograleza guindada a basiliza, que se haja, bysantinamente nua sob greiros de trigo e petalas de rosa, exposto no circo ao debique alvo de um cysne irmão do de Leda, numa velha tarde lubrica da decadencia. Ou que, á laia insaciavel da mulher de Claudio, imperador — para o distinguir do hononymo da conhecida *Mulher de Claudio* de Dumas filho — fosse, em qualquer noite antiga, buscar, rebuçada, as caricias herculeas dos carrejões de Suburra.

Com um fraco muito vulneravel pelas mulheres bonitas, que julga a coisa mais bonita da terra, **A Mascara** preza-se, comtudo, de estar virgem de tão violentos episodios. O seu já adjectivado passado é pequenamente mais modesto.

Foi n'*A Lucta*, durante dois longos annos e meio, a *Chronica do Theatro*. Foi, apoz um intermittente intervallo silencioso, pelo espaço fugaz de dois curtos mezes, a *Vida e Belleza* n'*A Capital*. Não se pode, por conseguinte, como os leitores d'ambas essas divulgadas gazetas concordarão, legitimamente considerar esta uma mascara das que, em desabrido falsete, semsaboronas, pelo Entrudo nos perguntam: *não me conheces?*

A Mascara é uma mascara sem mascara, nem dominó, para a qual de Carnaval só existe a festa, ora esplendida, ora funebre, quasi sempre olvidavel e corriqueira, dos theatros, das exposições, dos *ateliers*, dos livros, das ruas — que de

todos esses logares e aspectos, **A Mascara**, sempre contentemente disposta ao louvor, nunca, com transigencia, receosa da censura, se propõe destacar o que nelles venha a haver de interessante e aproveitavel para uma especie — uma *especiesinha*, como diminutivamente poderia tornar a dizer qualquer diminuto e desbarbado moço da nova poetica — de inventario ou chronica da vida artistica, com preferencia, e, de onde a onde, da vida pittoresca portugueza.

*

A Mascara representa, de resto, um sonho ha muito acalentado do seu chronista, que só as duras responsabilidades de um folheto como este, obrigado á periodicidade, fizeram hesitar até agora.

Vive esse chronista na doce convicção — que não passa talvez de um *engano da alma ledo e cego* — de que em Portugal, como em todos os paizes civilisados, e principalmente em Lisboa, como nas restantes capitaes europeias ou americanas, existe, muito reduzido, é certo, muito apagado, titubeante, e pouco fecundo, um movimento artistico, o qual, exactamente por assim se mostrar fraco, timido e escasso — o que o torna talvez ainda mais sympathico — mais carece de ser olhado, commentado e fixado.

Como em toda a parte, no meio portuguez, desfavoravel, pintam-se quadros, fazem-se estatuas, escrevem-se livros, urdem-se e representam-se peças, erguem-se monumentos, abrem-se ruas, rasgam-se avenidas, demolem-se ou construem-se edificios, fabricam-se coisas decorativas de uso corrente, como as mobilias, os sellos, as moedas, as joias, etc., sem que, d'essas coisas todas, mesmo d'aquellas mais apreciavelmente destacaveis, fiquem outros vestigios do que ellas proprias, quando perduram.

Para se elaborar, por exemplo, uma historia da civilisação em Portugal durante o visinho seculo XIX, lucta-se quasi com

a mesma falta de elementos de informação que se nos antolharia para os seculos XV ou XVI.

Passados poucos dias, ou poucos mezes, sobre a sua manifestação, todas essas actividades da vida nacional mergulham, sem echo de maior, num esquecimento soturno, como que de seculos. O passado mais negro e obscuro começa, para ellas, no dia seguinte ao do seu apparecimento.

Ora que tal aconteça é um mal terrivel e deprimente, já que outro tanto não succede nas outras nações cultas que Portugal, incorrigivel Magriço, sob outros aspectos, tão embasbacada e babosamente namora.

Ahi ha, aos magotes, escriptores das diversas especialidades, que, em livros, em revistas, em jornaes, pontual e criteriosamente vão archivando e systematisando com o seu commentario o que se produz no ramo que cultivam, reunindo assim, aos poucos, com as suas resenhas, os seus apanhados e os seus resumos, o material do que, mais tarde, depurado pelo crisol da grande trapeira do gancho de oiro, virá a ser a historia — o melhor espelho de povos.

Em Portugal, as condições asperrimas da vida social não consentem as especialisações. Salvo, em certos casos, a medicina, especialisar-se, por cá, é definhar e morrer de fome. Num paiz onde todos sabem de tudo, como noutro em que ninguem sabe de nada, saber bem uma coisa só, exaspera os parceiros — porque, afinal, em terra de cegos quem tem dois olhos é sempre enforcado.

Livros do theor d'esses a que me referi, são, em portuguez, um mytho. As revistas, uma florescencia primaveril e breve de mocidade. Os jornaes, esses, jungidos á noticia, ao reclamo e ao annuncio, têm pelas artes e pelas lettras o mais inconsciente desprezo. Não chegam, bemaventuradamente, a dar lhes em cotação o valor de uma facada na Mouraria ou de um incendio no Bairro Alto. Com excepção do theatro, que ainda, lhes merece um certo respeito, muito attenuado, *o resto é litteratura*, e para a maioria das folhas diurnas, vespertinas ou nocturnas, um qualquer *reporter* calhado nas façanhas de Alfama pode muito bem, entre um crime e uma desordem, che-

gar á exposição de Fulano ou ao *atelier* de Cicrano, para dizer depois duas larachas.

Não visa o chronista directamente nenhum dos diarios portuguezes, onde, em muitos, conta amigos estimados. Constata, apenas, as condições locaes e miseraveis do jornalismo alfacinha, tão docil ante as grosseiras exigencias do publico viciado e vicioso.

Ainda ha bem pouco, teve o chronista occasião de avaliar inequivocamente do conceito em que a arte é tida aqui. Um jornal assaz brilhante, em maré de reformas, começava-as, a titulo de aconselhavel economia, por cortar uma chronica d'arte que vinha publicando, resolvendo, ao que parece, dispensar por luxuosa essa secção do noticiario da capital.

Por esta e por outras, o chronista, farto de se sentir, como numa capoeira, volta e meia ameaçado pela degola, decidiu buscar, a titulo de experiencia, um mais livre, desafogado e seguro campo litterario.

E' **A Mascara** essa experiencia. Se houver, em Portugal todo, algumas centenas de pessoas com interesse por taes assumptos, ella vingará. Se as não houver, **A Mascara** morrerá ingloriamente, certa, comtudo, de ter nascido com o mais elevado e benefico dos intuitos.

Realmente, **A Mascara** não surge instigada por nenhuma vil ambição de escandalo, verrina ou chacota. Não pretende ser, com manejos de esgrimista, um pamphleto bravo como um rompente leão de escudo. Vibrante como um pregão de victoria, apiedado como um brado de derrota, implacavel como uma papeleta de hospital, segundo o thema o requeira, **A Mascara** é, simples, humildemente, um boletim.

Nortea-la-hão, invariavel e dominantemente, a paixão e o cuidado da arte e da belleza, e, nessa rutila senda, a sua divisa pudera ser esta: *sem favor*.

Prompta no elogio, justa na critica, **A Mascara** só franzirá a fronte calma, quando em busca de belleza, topar, lograda, a fealdade, e, em cata d'arte, desgostada encontrar, em seu logar, a falcatrua, a babozeira, a patacoada, a fancaria.

Em casos d'essa tristeza, zelar ha-de **A Mascara,** como

melhor souber, com todo o desapplauso, mas sem o minimo rancor, os direitos da arte e da belleza — as duas supremas razões da sua existencia e unica divisa do seu pavilhão.

*

Resta, apenas, dizer que, tendo de conversar com o leitor todos os sabbados comprehendidos entre quinze de Outubro e quinze de Julho de cada anno — pois nos tres restantes mezes se dará ferias, oxalá merecidas! — **A Mascara,** por manifesta, irremediavel, carencia de omnipotencia creadora, não poderia, ainda com a melhor das boas vontades, assumir o compromisso de inventar para todos os seus numeros assumptos exclusivamente nacionaes.

Servirá dedicadamente, como já atraz o prometteu, a actualidade portugueza, d'ordem artistica, litteraria, theatral ou pittoresca. Quando, porem, nesses varios campos, não lobrigar coisa, figura, aspecto, pagina, scena, ou paizagem cujo commentario, por esta ou por aquella maneira, a interesse, **A Mascara,** mettendo a sua recurva foice em alheia seara, forrageará, commedida, nas sementeiras mais fartas de alemfronteiras, um que outro thema edificante ou curioso, que enriquecer venha, variar ou abrilhantar, o impressionismo fugidio d'estas annotadoras glosas.

*

Será isso, apenas, e só isso, **A Mascara,** que, tendo assim dito claramente da sua razão, manda subir o panno.

II — Uma rendeira de sonho: — D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro e a sua Exposição.

A Sr.ª D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, a maior, se não a unica grande artista, entre as mulheres portuguezas, fada das leves maravilhas e dos dedos sapientes, delicadissimos, de aranha-borboleta, namorada das flores fragrantes e das teias subtis, abriu na penultima terça-feira uma nova exposição dos seus ultimos trabalhos, franqueando ao publico — que nos outros, francos, dias nunca se lembra de lá ir — essa sua pequenina, discreta, penumbrosa officina, que, com a minuscula casa de trabalho, onde seis pessoas gordas transbordam, e a salasita de vendas, replecta até aos gorgomilos com uma duzia mal contada de visitantes, disputa e ennobrece sete palmos escassos de um velho casarão da Rua Antonio Maria Cardoso.

Diminuto, exiguo, apertado, o reduzido local, aconchegadamente aviado de algumas sobrias estantes e de uma ampla meza, onde, sobre tiras de velludo verde acolchoado, sobre flaccidos cochins escarlates, sobre manequins e em armações, as rendas repousam formosas, tranquillas como creanças depois de brincar, prostradas umas morbidamente, petulantes outras, outras offegantes ainda do baile agitado dos bilros na almofada, cheias todas, todas ungidas, da caricia peregrina com que as mãos mimosas da excelsa mestra as ajuntam e rematam baptisadoramente no ultimo, firmante, toque, é, pela graça valiosa, pelo valor gracioso, das peças mostradas — joias authenticas de linho branco, de fio de oiro, de linha de prata ou linha de cor — como um sumptuoso estojo avelludado de ourivesaria: como uma boceta modesta, de dentro da qual, saltada a tampa — aberta a porta de cortinas arrendada — fascinadora refulgisse de chofre, lucilima, a scintillação surprehendente e preciosa dos brilhantes.

Sempre que alli entro, sobretudo na calma solitaria das tardes em que não ha festa, lembro umas phrases de Mirbeau, ao prantear de automovel, na moderna Bruxellas das grosseirissimas rendas mechanicas, a antiga capital deslumbrante de brocados, de velludos, de sedas, de pelles, a poetica e amorosa cidade das rendas, «que são o luxo mais lindamente feminino, a arte mais deliciosamente serva da sensualidade».

Um dia, á espera da notavel artista, recordo-me de me ter quedado uma meia hora sósinho, nesse ninho de neves do Thesouro Velho, em communhão encantada com os primores leves da sua levissima arte poderosa, que evoca, por vezes, nevoas recortadas, esgarçadas, tenues, que vão levantar, brancas, um vôo fresco de azas muito brancas, e me prendiam, me seduziam, me extasiavam.

Foi quando mais claramente intui dos segredos profundos e da seducção forte da alma tenuissima do linho.

Por alguns momentos, deteve-me o olhar esse attrahente quadro, que ao fundo está — primitivamente executado com destino a primeiro espaldar de uma serie de cadeiras, infelizmente mallograda — uma scena de caça, bordada, segundo uma pintura de Columbano, por sua enternecida irmã, com paciencia tão inspirada e lãs de tal cambiante e illusão, que só apoz demorado exame logramos verificar não ser aquella uma aguarella feita a pincel, mas sim, á agulha, com um ponto, em verdade, indecifravel, e um colorido deveras estupendo.

Logo, porem, d'esse meu enlevo me tirou, exigente, reclamante, a pousada revoada das rendas alvas, e, aos poucos, como eu a um e a outro lado mirasse, numa competencia deleitosa de agrados, que parecia deleita-las tambem a ellas, como se a porta se volvesse portico soberbo, afigurou-se-me que, a cada uma d'essas coisas lindas, feitas para serem usadas, trazidas, combinadas com tecidos caros e pelles magnificas, chegavam, em irreal cortejo, as futuras donas, as possuidoras afortunadas. Via, mentalmente, aquella gargantilha, toda em acanthos corinthios, saltar da sua estante para um collo esplendente; aquelle lenço de buzios passear significa-

tivo, por uns labios de poema; cadenceado, solemne, monear-se aquelle leque candido entre um braço branco de virgem e um seio virginal mais branco ainda; recortar aquella gola os seus dentes macios sobre a brancura eburnea de uma nuca franjada a oiro; orgulhar-se aquelle cabeção dos hombros perfeitissimos que velava; e aquella outra renda ser contente de ir beijar, nos tapetes, a esteira de sua dama.

Tive então, como nunca, a nitida percepção d'esse caracter tão feminino e sensual — e são synonimos — que Octave Mirbeau attribuiu ás rendas, no seu sarcastico *La 628 — E8*. Só despertei do encantamento, quando, recatada como uma freira que vivesse fóra do mundo, com os seus passinhos silenciosos, como de quem sempre pisasse folhas d'outomno, D. Maria Augusta, a maga sem rival das flores da linha, com as suas palavras cordealissimas, me levou, por suas mãos abençoadas, da magia ephemera do meu sonho, para a palpavel realidade do sonho magioso das suas rendas de sortilegio.

*

É muito conhecida a lenda veneziana da origem da renda de bilros, cuja metropole portugueza havia de ser a arida Peniche dos bilros, dado que a renda, irmã da rede, emula da espuma, espuma, ella propria, das vagas brancas do linho e da rosea feminilidade, sempre á beira do mar floresceu.

Na Veneza dos encantos, onde o vidro dispõe de toda uma ilha para si, Murano, as rendas possuem outra, toda trefega de fusos brincalhões e palpitante dos risos das rendeiras jovens, galantes, mais galantes e jovens que as rendeiras classicas dos quadros de Vermeer de Delft ou de Metzu: Burano.

Conta assim a lenda: Uma rapariguita, filha de pescadores, tinha um namorado muito querido, como os seus, pescador. Num dia de tristeza, o senhor de Veneza, o Doge poderoso, manda convocar os homens validos para a guerra contra o fabuloso Oriente. Força é que o pescador parta tambem.

No momento da despedida, como para esconder as suas lagrimas, ou para buscar uma lembrança, o pescador mergulha no mar, e encontrando uma alga formosissima, colhendo-a, volta á praia a entrega-la á namorada como penhor dos seus juramentos, partindo em seguida a guerrear.

Durante a sua ausencia, mergulhando na saudade, pavida ante as tremendas visões de sangue creadas pela sua mente em sobresalto, esperançada, comtudo, no poder perservante do seu amor, a rapariga entra de tecer, para o amado distante nos combates, a mais bella rede jámais vista nas cabanas do Adriatico: feita de fios delgados como os cabellos d'ella, fortes como o ferro que elle, ao longe, manejava; com as malhas tão finas, apertadas e eguaes, que deveras se acreditava andar por alli intervenção celeste.

Urdindo, tecendo, lavrando, a noiva não desfita a alga formosa da recordação, que, inacreditavelmente, perdura viva, verde, virente, como o amor interrompido dos dois.

Ultima-se o trabalho, arduo e persistente como o de outra Penelope. Quando a ultima malha está laçada, e a rede já tem á sua volta as franjas rematadas por pequenos pezos de chumbo — os *piombini*, originaria designação dos bilros — o noivo surge do alem, salvo e victorioso. Accodem todos para o saudar, e, em presença da gente maritima agrupada, a constante urdidora desdobra a todo o comprido a rede portentosa, que attestava do seu carinho imperjuro. Caso extraordinario, para todos de surpreza! Entretecida nas malhas espessas, compacta, vê-se, nitida e alva, uma alga de linha, semelhante em tudo, na estructura, nas nervuras, no contorno, áquella outra alga verde que o pescador tirara do fundo do mar e confiara á noiva.

D'essa alga, amorosamente florida por um desvelo apaixonado — querem outros que imitada por ella com um manejo diligente dos *piombini* da rede — nasceram as rendas venezianas — rendas das quaes, com o volver de alguns seculos, modificando-as no processo, fazendo-as executar parcellarmente, em partes separadas, por obreiras diversas, D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro se haveria de constituir uma das

mais salientaveis obradoras, para o que, se os seus dedos impeccaveis de delicadeza, fusos de teias indiziveis, muito a coadjuvam, não deixa de favorece-la, sobremodo, a sua alta e vibrante sensibilidade d'artista.

*

D. Maria Augusta não é, realmente, apenas uma executante assignalavel. E' tambem, com prevalencia, uma notavel creadora. Nas deliciosas peças que trazem a sua assignatura, não cumpre admirar só a technica, absolutamente inexcedivel, mas, antes de mais, a composição, invariavelmente feliz.

Mettida nesse alcantil inhospito, que é Peniche, a sonegada, esteve bastantes annos dirigindo a escola industrial do sitio, onde a sua passagem haveria de marcar uma renascença, pelo muito que de novo, harmonioso e artistico ella viria a introduzir na local industria das rendas, d'antes confinada, quasi primitivamente, aos debuxos grosseiros, casuaes e açafroados dos *piques* das *picadeiras*, guiadas pela usura dos *rendeiros* gananciosos, parentes em seccura e agiotagem d'essa impressionante *Experte en dentelles* de Felicien Rops.

Hoje, em qualquer almofada, das muitas que, em Peniche, ha nos lares e ás portas da villa da *troca* e do *ilhó*, pode facilmente surprehender-se, nesta ou naquella mais cuidada nota, a influencia salutar da sympathica reformadora, que, vinda mais tarde para a sua Lisboa, aqui ainda melhor cultiva as suas phantasias de linha, tornando esta cidade, amorpha por excellencia em industrias d'arte, num nome, que, graças á sua arte exhimia, sôa, a ouvidos educados, tão vaporosa e feminilmente como esses outros suaves nomes, vaporosos e feminis, das terras rendilheiras: Tulle, Malines, Valenciennes, Alençon, Veneza, Genova, Milão, Bruxellas, Chantilly, Malta, Irlanda, Inglaterra, Madeira, e, outrora, Vianna do Castello e Setubal.

Sem o minimo feitio industrial ou industrialisador, a

Sr.ª D. Maria Augusta Bordallo, dentro da sua arte favorita, não cessa de procurar novas soluções, de se propor combinações ineditas, até ineditos materiaes, de experimentar, com successivos ensaios, na magica elasticidade do fio a elastica flexibilidade da sua imaginação inquieta.

Da renda branca, de estylisações primorosas e variadas, aproveitando ora elementos decorativos da architectura ou da ourivesaria, do manuelino ao D. João V, do gothico portuguez aos estylos francezes; ora a flora, dentro da qual os seus cravos, as suas fuchsias, as suas orchideas e tulipas, são do melhor que se tem feito; ora, tradiccionalmente, as coisas do mar, os buzios, as conchas, os golphinhos; passou a ensaiar a renda de oiro, com a qual tem composto primores. A renda de oiro é, no emtanto, para as epochas que correm, demasiadamente sumptuosa e pezada. A opulencia espaventosa não seduz tão modesta operaria, e, por isso, sem d'elle, que é formoso, renegar, tratou de achar-lhe uma funcção menos berrante, dando-lhe, atiladissimamente, o papel de realçador, inserindo em alguns cabeções, golas ou gargantilhas, com verdadeiro achado, pequenas notas doiradas, reforçadoras e contrastantes, de que ha duas lindas provas na sua recente exposição. E nada mais bello, amoravel, discreto e carinhoso, do que esse sabio enlace do linho humilde das arcas e dos enxovaes com o oiro caro dos cofres e dos thesouros.

Outro dia, sonhou tambem tecer a prata na sua almofada tentadora, e fez um orleanico liz heraldico, que, pela elegancia e flexuosidade, é, afinal, bem companheiro dos airosos lyrios dos jardins de Portugal.

Como o linho, o oiro, e a prata, tem egualmente manipulado a linha de cor. Com linhas verdes, por exemplo, urdido ha folhas pulcherrimas, de um assombroso claro-escuro, tão real, exacto e enganador, que as rosas, sempre viçosas no seu obrador, devem ás vezes, debruçando-se, appetecer folhas assim.

Nesta sua exposição, brilha, muito brilhante, uma das peças mais attrahentes que nesse genero tem creado. E' uma haste de cardo florida, com toda a rusticidade dos seus galhos

contundentes, e na flor, que desabrocha esmaltadamente azul, toda a graça silvestre, tocante, d'esse grito azul-roxo de perdão que em certa epocha do anno — talvez a do seu amor — os cardos aggressivos soltam. A braveza vegetal da intratavel espinhosa dos mattagaes está alli, artistica, asperrimamente, viva, na vegetal lisura da suave lineacea, por um grande, estupendo milagre da arte — esse eterno, fecundo, milagre perenne — só ella capaz de conseguir que, na rudeza do azul cardo bisonho das charnecas, assim triumphe e sorria, com macieza e suavidade, a crespa flor azul dos linhaes.

E porque, das mãos delicadissimas d'essa admiravel rendeira de sonho, tal prodigio tombou, pondo o joelho em terra, **A Mascara** as beija, crente e agradecida.

III—Um serão vicentino no Republica.
(15 de Janeiro)

NÃO poderia deparar-se **A' Mascara** melhor prazer do que o de, logo neste primeiro numero, ter ensejo de inscrever o nome glorioso e querido de Gil Vicente, sincerissima devoção do seu chronista, para quem o delicioso classico jovial, o maior dramaturgo da Europa do seu tempo, merece, ha muito, o mais carinhoso amor.

Com as suas tentativas simplificadoras, que a facilidade do bom acolhimento do publico vae, em bemdita hora, deixando entrever, para breve, tanto quanto possivel integraes. anda Affonso Lopes Vieira—o grande poeta das pequenas coisas—grangeando, com a sympathia de todos nós, novos laureis para o seu renome, que o bom S. Francisco de Assis cobre piedoso da sua benção veneranda.

Em tudo o que disse respeito a Gil Vicente, foi o «serão vicentino» do Republica assaz interessante e proveitoso, pelo que não regateará **A Mascara** fartos louvores ao Sr. S. Luiz de Braga, que, ao organisar no seu theatro, e sem prejuizo da bilheteira, uma festa d'essa ordem, mostrou-se da arte um bom amigo, devendo, por seu lado, ter reconhecido que ella, afinal, lhe pagou na mesma moeda.

Simplesmente, todo e qualquer espectaculo classico demanda indispensavelmente, para seu bom resultado, uma longa e seria preparação, que a este faltou, dando a precipitação logar a certas falhas compromettedoras do programma—que, alliaz, fiado talvez na erudicção do publico, ficou, ao que parece, na typographia, encontrando-se, por tal, meia plateia ás aranhas.

*

Abriu a recita Affonso Lopes Vieira, lendo uma conferencia vibrante, em que, se coisa alguma, nada absolutamente,

trouxe de inedito, ou pouco dito, sobre Gil Vicente, condemnado decididamente e só lhe darem por companheiro Juan del Encina, nem sobre o repisado logar commum da lusa democracia, a pittoresca federação de Guilherme Tell — ou, melhor, como o descobriu um humorista italiano, de *Guilherme Hotel* — foi bastante agradavel na parte relativa á Italia, citada frequentemente, na do monumento a Camões nas futuras margens do Tejo, e na defeza calorosa da arte e da belleza — pelas quaes lidou Affonso Lopes Vieira o bom combate, sendo, apenas, para lastimar que, havendo encontrado a frisante imagem de «Gil Vicente, linho alvo na chaga enorme do gallicismo», se não abstivesse de dizer *féeria*, *preghieras*, e não sei que mais.

Apezar d'isso, sem mais restricções ligeiras, e com o mais manifesto direito, mereceu de sobra as palmas que ouviu, nutridas, ás suas suggestivas annotações aos diversos numeros do cartaz, em que, mimoso, o seu repetido nome, era, enleado no do classico, como uma trepadeira agil, espiralando num roble poderoso.

A conferencia de Affonso Lopes Vieira foi illustrada com leituras vicentinas, feitas por Aura Abranches, Augusto Rosa, Ferreira da Silva e Chaby Pinheiro.

Leu a primeira, muito acanhada e incertamente, a formosissima Ave-Maria do *Auto da Mofina Mendes* — uma das mais bellas orações de todos os hymnarios christãos:

Oh! Deos te salve, Maria,
Cheia de graça, graciosa,
Dos peccadores abrigo!
Gosa-te com alegria,
Humana e divina rosa,
Porque o Senhor é comtigo!

Augusto Rosa e Ferreira da Silva leram, com certo brilho, parte do typico dialogo entre *Fr. Paço* e o *Villão* da *Romagem de Aggravados*, versando satyricamente da eterna raiva dos rusticos ante as incertezas do tempo:

... Que chove quando não quero,
E faz um sol das estrellas.
Quando chuva alguma espero.
Ora alaga o semeado,
Ora sécca quant› hi ha,
Ora venta sem recado,
Ora neva e mata o gado,
E elle (Deus) *tanto se lhe dá.*
Eu que o queira demandar
Por corisco e trovoada,
Por pedrisco e por geada,
Buscae quem o vá citar
Que lhe acerte co'a pousada.
Não tem prema de ninguem,
E fará quanto quizer.

O ultimo, Chaby Pinheiro, disse estupendamente, e reduzida a uma só tirada, parte das fallas da *Rainha Pantasilea*, de *Achilles* e de *Annibal* da tragicomedia *Exhortação da Guerra*, onde Gil Vicente imprecca heroicamente os senhores, os prelados, os clerigos e as senhoras portuguezas, *Donas*, *Donzellas*, *Duquezas*, a que cedam suas riquezas para os gastos da guerras com a moirama, em Azamor, na partida de cuja expedição foi a obra representada em Lisboa, na era de 1513.

Aos primeiros, os nobres, dizia Gil Vicente pela bocca de *Pantasilea*, «a penada, triste, e fea»:

Avante, avante, senhores,
Pois que com grandes favores
Todo o ceu vos favorece:
El-rei de Fez esmorece,
E Marrocos dá clamores.
Oh! deixae de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e douradas,
Que he gastar sem prestar.
Alabardas, alabardas!

Espingardas, espingardas!
Não queirais ser Genoezes,
Senão muito Portuguezes.
E morar em casas pardas!

Aos clerigos e prelados, exhortava *Achilles:*

Quando Roma a todas velas
Conquistava toda a terra,
Todas donas e donzellas
Davão suas joias bellas
Para manter os da guerra.
Oh! pastores da Igreja,
Morra a seita de Mafoma,
Ajudae a tal peleja,
Que açoutados vos veja
Sem apellar para Roma.
Deveis de vender as taças,
Empenhar os breviairos,
Fazer vasos das cabaças,
E comer pão e rabaças,
Por vencer vossos contrairos.

E *Annibal* em pessoa supplicava ás damas:

Fazei contas de bugalhos,
E perlas de camarinhas,
Firmaes de cabeças d'alhos;
Isto si, Senhoras minhas,
E esses que tendes dae-lhos!
Oh! que não honrão vestidos,
Nem mui ricos atavios,
Mas os feitos nobrecidos;
Não briaes d'ouro tecidos
Com trevas de desvarios:
Dae-os pera capacetes!

Começando com a celebre quadra:

Oh! Famoso Portugal,
Conhece teu bem profundo,
Pois té ao polo segundo
Chega o teu poder real!,

e concluindo com o impressionante:

Ta la la la lão, ta la la la lão.
Avante! avante! Senhores!
Que na guerra com razão
Anda Deos por capitão!
Ta la la la lão, ta la la la lão.,

esse trecho, em que perpassa um alto rasgo d'heroismo, deixando a perder de lembrança quantos *Rataplans* volta e meia lhe proporcionam, aqueceu o publico até ao enthusiasmo — enthusiasmo que, antes dos ouvintes, o conscienciosissimo interprete mostrou sentir tão efficazmente.

*

Ao segundo levantar do panno, tivemos um boccado do *Pranto de Maria Parda*, «porque vio as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ella não podia viver sem elle».

Encarnou *Maria Parda* Adelina Abranches, que já estudara o papel, quando foi do centenario do theatro portuguez, em 1902. A illustre artista deu á patusca borrachona animação e cor, vestindo-a bem e movimentando-a melhor. Notar-lhe-hia, apenas, a conveniencia de se escurecer algum tanto. Se a *Maria Parda* fosse branca, apezar do apellido, quer-me parecer que não diria á *Branca Leda*, antes do original *Testamento:*

Branca mana que fazedes?

E foi muito curioso de observar a alegria franca com que o publico recebeu os francos dizeres do classico:

Quem vio nunca toda Alfama
Com quatro ramos cagados,
Os tornos todos quebrados,
Oh! bicos da minha mama?
Bem alli ó Sancto Espirito,
Ia eu sempre dar no fito
Num vinho claro rosete.
Oh! meu bem doce palhete,
Quem pudera dar um grito?

Representou-se a seguir a scena immortal, já do publico apreciada, do *Todo o mundo e Ninguem* do *Auto da Lusitania*, desempenhada por Augusto Rosa, Chaby Pinheiro, Henrique Alves e Alexandre d'Azevedo, este ultimo no *Ninguem*, creado, se não estou em erro, por João Rosa.

Ouvimos depois poesias, e aqui é que pegou o carro . . . de Thespis, e, sobretudo, o das Tagides.

De Camões leu Brazão, visivelmente distrahido, desinteressado, ou mal disposto, sem o mais leve vislumbre de epopeia, as estrophes do IV Canto dos *Lusiadas* sobre a partida da armada do Gama. Leu, de Camões, Augusto Rosa, discretamente, os versos *A uma senhora rezando por umas contas*, fraquejando, porem, assignalavelmente, no *Episodio de Ignez de Castro*.

Fallou Affonso Lopes Vieira, na sua conferencia, da conveniencia de se organisarem nos theatros portuguezes tres especies de serões: o *vicentino*, a cuja feliz experiencia, assistimos, o *camoneano* e o *garretteano*. Sem discutir o programma, que se me afigura melhoravel, depois de ouvir dois dos mais celebres actores nacionaes cobrirem do lucto do maior enfado algumas paginas sagradas da Biblia lusitana, receio que esse prophetisado serão *camoneano* degenere, terrivelmente, em *camoez* . . .

Angela Pinto, leu muito, á franceza, a candidissima *Cantiga* do auctor da *Primavera* e da *Côrte na aldeia:*

Antes que o sol se levante
Vai Vilante a ver o gado,
Mas não vê sol levantado,
Quem vê primeiro a Vilante,

tão deliciosa nas suas *Voltas*, bucolicamente galantes:

Descalça ás vezes se atreve,
A ir em mangas de camisa.
Se entre as hervas neve pisa,
Não se julga qual é neve.
Duvida o que está deante,
Quando a vê mugir o gado,
Se é tudo leite amassado,
Se tudo as mãos de Vilante.

Foi um Francisco Rodrigues Lobo um pouco bulevardisado, mas, emfim, peores foram as quadras populares, descabidas, nada a proposito, sabidissimas, que Adelina Abranches e Ferreira da Silva tiveram a pouca sorte de ter de recitar, ao desafio, numa desgarrada sem musica.

*

Depois do terceiro intervallo, Henrique Alves, que já o fez em hespanhol, veio ler o prologo de Affonso Lopes Vieira á *Visitação do Vaqueiro*, representada na versão nacionalisadora do mesmo poeta.

Num scenario assaz vistoso, mas nada a rigor, onde dois lindos galgos, por ladrarem fóra de tempo, se não puderam manter até ao fim, Adelina Abranches, que, pelas provas que tem dado, me parece uma grande amiga de Gil Vicente, fez

com vivacidade travessa — travessura de que se doeu em dois o cajado do boeiro — essa linda figura de presepio, que foi, em toda a sua robusta fragilidade; que é ainda, em toda a sua immensa pequenez; que será sempre, em toda a sua despreoccupada, recatada, pujança, o mais poderoso atlante do theatro portuguez.

*

Para remate, apoz o prologo de Affonso Lopes Vieira, recitado por Chaby, deu-se, em presença dos «senhores homens de bem», começo á adaptação do *Auto da Barca do Inferno*, assignada pelo citado poeta.

Teve o chronista d'**A Mascara**, ainda ha bem pouco, ensejo de fallar d'essa vicentina obra perduravel. Em vez, por isso, de repisar coisas já ditas, que é um commodo processo, mas que lhe não sorri, prefere, para as archivar, reedita-las aqui, sem mais rodeios, de um artigo d'*A Capital*, intitulado *A Ressurreição de um Diabo*.

Commentando a traducção franceza do *Diabo Capuchinho*, em que Lope de Vega refundiu o seu primitivo *Frei Diabo*, dizia Émile Gebhardt num interessante artigo, agora reunido com outros num posthumo volume, *La Vieille Église:* «Tira-se, em verdade, prazer e proveito espirituaes de encontrar o Diabo, não num recesso de bosque ou em nossa alcova, mas em pintura e em litteratura legendaria ou dramatica, onde esse encontro é quasi sempre tranquilisadador, pois que, desde antigos tempos, vem a imaginação popular esforçando-se por subtrahir, pouco a pouco, tal personagem á sua aureola de terror».

Esse espiritual prazer proveitoso, a que o attrahente prosador do *Ao Som dos Sinos* alludiu, supponho, por mim, que o terá experimentado todo o publico do Republica, ao ver e ouvir em scena um dos mais pittorescos, justiceiros e gloriosos diabos de toda a litteratura, talvez de toda a arte, o Diabo impagavel e audacioso de Gil Vicente, o arraes verme-

lho d'essa mui admiravel Trilogia das Barcas ou *Auto de Moralidade*, que, na historia do theatro peninsular, marca a mais bella crystalisação do gothico em dramaturgia: de um gothico já florido, em que o originario «grotesco» da estatuaria satyrica começa a annunciar, no relevo elegante dos perfis dos cavalleiros de Christo mortos na Mauritania, os finissimos medalhões da nova esculptura, e para o qual a gargalhada macabra das Danças da Morte — da *Morte* que, em pessoa, mestre Gil faz figurar na *Barca da Gloria* — entra de volver-se no sorriso, mais contido e intellectual, da Renascença.

Ha quem sustente terem sido Gil Vicente, o auctor dramatico, e Gil Vicente, o ourives da celebre custodia — que vae sendo tempo de nos porem ao alcance dos olhos — uma e a mesma pessoa.

Por maior numero de documentos que a tal respeito se possa exhibir, recusar-me-hei sempre a admittir a hypothese, apenas por um argumento de raciocinio, mas que, sem jactancia, reputo absolutamente indestruivel, e é que, se ámanhã, em alguns papeis velhos ou numa qualquer sigla das suas veneraveis pedras, se descobrir, entre os architectos dos Jeronymos, um com o nome de Camões, pretendendo-se, d'essa mera coincidencia, inferir que o epico se distinguira tambem na architectura, a todos assiste o direito de o não acreditar, pela simples razão de não caber nas faculdades humanas, mesmo nas de um genio, compor os *Lusiadas* e as *Lyricas* e construir Santa Maria de Belem.

Do mesmo modo, excede toda a humana possibilidade escrever a esplendida collecção dos autos, farças e tragi-comedias vicentinas e lavrar tão aprimoradamente, sem mudar de mãos, o oiro das primeiras pareas de Quilôa — o que me faz ter por certo que Gil Vicente nunca foi ourives, senão das suas preciosas redondilhas.

Egual affirmação, porem, não poderia fazer-se, se, por acaso, quizessem inculcar-nos os seus excellentes meritos de pintor. Com effeito, por um curiosissimo phenomeno de transposição de valores, muito comprovativo da moderna theoria da fusão das artes, cara a Mauclair, é talvez, na obra de Gil

Vicente, mais facil de seguir a evolução artistica, propriamente dita, do que a evolução litteraria do seu tempo.

Em muitos casos, de preferencia aos mestres das bibliothecas, elle aparenta-se, mais proximamente, com determinados mestres de museu. Certas paginas suas são mais rigorosamente comparaveis a certas taboas, a certas illuminuras, a certos frescos, do que ás paginas de outras alheias composições do mesmo genero, e, se é possivel e justo filiar a sua arte deliciosa nos mysterios francezes e nos seus derivados ibericos, sem esquecer o italianismo de alguns trechos, como o *Pranto de Maria Parda*, mais elucidativo talvez resultasse estudar as afinidades puramente artisticas de bastantes obras suas com obras da pintura sua contemporanea, como as d'estes seus *Autos das Barcas*, que, em Portugal, vieram illustrar litterariamente um thema que, atravez das Danças Macabras da meia-Europa, revestiu um caracter accentuadamente pictural — caracter que, apezar da diversidade do processo, algum tanto se conservou na triologia do poeta, que licito seria tratar, mais expressivamente, como um tryptico de pintor.

D'esse tryptico, cujo painel central é a assombrosa *Barca da Gloria*, com o seu Duque, o seu Imperador, o seu Papa, a sua Morte já citada, e o seu Diabo, exprimindo-se, por provaveis exigencias da interpretação, em hespanhol, deu-nos o Republica — onde, não ha muito Zacconi encarnara o ultra-moderno *Diabo* de Francisco Colmar — um dos volantes: o *Auto da Barca do Inferno*, que, com amoroso amor, o grande poeta das pequenas coisas — Affonso Lopes Vieira — retocou, compoz e reduziu, no patriotico intuito de tornar tão ligeira e acceitavel quanto possivel, para um publico frivolo, que a franca linguagem quinhentista teria o milagroso condão de fazer córar, esta sua segunda, louvavel, tentativa vicentina.

Do confranto do texto representado no Republica com o do original, constata-se, antes de mais, com tristeza, a decadencia da attenção das plateias, para as quaes, hoje em dia, scenas tão encantadoramente leves, como a da licção de esgrima dada pelo dominicano *Fr. Capacete*, se afiguraram arriscadas ao modernisador, que as abreviou ao minimo. Verifica-se, de-

pois, o assignalavel progresso da publica hypocrisia, que toda se arrepellaria com muitas phrases recitadas, em 1517, na camara onde «a muito catholica e sancta Rainha Dona Maria» aguardava a morte, que em breve a colheria.

Teve o poeta delicado da *Canção do Melro* de adoçar veladamente certas passagens jocosas, de arranjar para outras equivalencias mais ou menos approximadas, e de tornar comprehensiveis alguns versos de obscuro sentido, como, logo de entrada, o terceiro, em que o Diabo diz:

Ora venho a caro a ré,

para o qual a sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos propoz um descabido significado mythologico, que Lopes Vieira adoptou:

Ora venha Caronte á ré,

o que se me afigura de uma talvez brilhante, mas nada justificavel, phantasia.

A carom ou *acarom* é uma expressão antiga, que apparece, por exemplo, no *Cancioneiro da Vaticana*, e a que o seu Glosario dá o significado de: *defronte*. O *acaro* de Gil Vicente deve significar o mesmo. O Diabo, no citado verso, quer provavelmente apenas dizer que vem *acaro a ré* ou *a carom ré*, isto é, á prôa, pois que, para mais certeza, da situação inicial da obra, se conclue que aproou naquelle momento.

Alem d'essas difficuldades, arcou Lopes Vieira com a suppressão de algumas figuras, a do *Judeu*, em cuja ausencia pouco se repara, e a do *Procurador*, que faz certa falta para contrascenar com o *Juiz*, a quem o adaptador inverteu a ordem, fazendo-o embarcar antes de *Brizida Vaz*.

A esta respeitou o vicentino actualisador com carinho, á encantadora alcoviteira,

..... Brizida a preciosa,
Que dava as moças aos mólhos;
A que criava as meninas
Pera os conegos da Sé.,

irmã em pittoresco d'essas outras duas *Celestinas* irresistiveis de Gil Vicente: a Branca Gil d'*O Velho da Horta* e a Genebra Pereira do *Auto das Fadas*.

Como respeitou O Diabo, admiravel arraes da «barca ardente», «barqueiro da má hora», o mais endiabrado serviçal da «terra dos damnados»; esse Diabo tão rebelde, castigador e moço de 1517, que, mais de tres seculos depois, outro escriptor da sua terra, Eça de Queiroz, dando-lhe senhoria e neurasthenia, poz, junto do livre mar, «socegadamente a morrer», no seu adoravel conto *O Senhor Diabo*.

*

No *Auto da Barca do Inferno*, todos os interpretes se esforçam em ganharem o paraizo. Tres d'elles porem, merecem especial menção. Augusto Rosa, num fatigante papel, em diametral opposição com o seu temperamento scenico, o do *Diabo*, consegue com a sua auctoridade e saber construir uma personagem interessante, tendo notas deveras felizes, como a da continua movimentação dos braços e a das satanicas gargalhadas, em verdade estranhas.

Chaby, no ventrudo *Juiz*, dá-lhe a empafia condizente com o baldado latinorio. Para mim, no emtanto, é Adelina Abranches quem triumpha em toda a linha. A sua *Brizida Vaz* é deliciosa de intrujice, de meneio, de fallinhas mansas. E tudo, essa pequenina mulher consegue com uma tão apparente simplicidade, que o publico julga estar assistindo á coisa mais natural d'esta terra.

Nessa noite de festa, em que todos, mais ou menos, capricharam de zelo na homenagem ao grande classico, ao truão genial de tantas obras impereciveis, não será offender ninguem, creio eu, reconhecer que quem mais perto esteve da alma pittoresca do maravilhoso auteiro, mais alto atirou com os seus louros á fronte desannuviada do maior poeta da vida popular portugueza em todos os seculos, foi Adelina Abranches, nesse precioso casal das duas figuras da vicentina olaria, *Brizida Vaz* e *Maria Parda*.

Bate lhe a **Mascara** as melhores palmas.

A MASCARA publicar-se-ha todos os sabbados, desde 15 d'outubro a 15 de julho, em folhetos de 16 a 32 paginas.

PREÇOS

AVULSO:

Portugal..... 50 réis
Brazil..... 250 réis (moeda fraca)

ASSIGNATURA (pagamento adeantado):

Cada serie de 10 numeros

Portugal..... 550 réis
Brazil..... 2$500 réis (moeda fraca)

Toda a correspondencia relativa á administração deve ser dirigida á LIVRARIA FERIN, EDITORA. BAPTISTA, TORRES & Ct.ª, 70, RUA NOVA DO ALMADA, 74.

A que diga respeito ao auctor para a AVENIDA DA LIBERDADE, 178, 4.º, Esq.º

Agentes d'A MASCARA:

COIMBRA—LIVRARIA ACADEMICA de João de Moura Marques — 171, Rua Ferreira Borges, 173.